

PROJETO UM NOVO TEMPO: PROTAGONISMO JUVENIL PARA CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ

Ana Patrícia da Silva Mendes Paton Viegas

Silvana Fernandes Rodrigues Gondim

Juventude Valorizada ou Juventude Mercadoria?

O culto à juventude no mundo pós-moderno ocidental é uma realidade. Os aparelhos midiáticos em sua incessante produção enaltecem o valor da juventude como ideal a ser perseguido, desde sua característica de vigor e energia diante da vida, até ao inalcançável desejo de permanecer jovem (MATOS, 2003), muitas vezes com posturas obsessivas e doentias, tornando a entropia biológica fator de profundo mal-estar e frustração, gerando entropias psíquicas e existenciais.

A cultura narcisista e a cultura subjetivista pós-moderna contribuem decisivamente para que o imaginário coletivo legitime a ideia de que a juventude por si só possui o poder de realização pessoal. Paradoxalmente, a juventude configura-se como uma das mais conflitantes fases da vida, um fenômeno biopsicossocial que carrega sentimentos contraditórios, fruto das mudanças e demandas frenéticas que ocorrem em nível físico, psíquico, social e cultural. Mas o conceito de juventude e o tratamento a ela dispensado nem sempre foi assim. A ideia de juventude surgiu no capitalismo pela necessidade da burguesia preparar seus rebentos para a vida adulta, permitindo-lhes um processo de transição que os dotassem de ferramentas para conservar o capital cultural e o capital monetário de seus agrupamentos familiares (BOURDIEU, 1998). Forçoso, portanto, é questionar: qual o motivo de tanto interesse no fe-

nômeno juventude no mundo pós-moderno e qual o conceito de juventude que subsidia toda essa atenção?

A pergunta é norteadora tendo em vista que não existe apenas uma juventude ou apenas uma cultura juvenil. Várias são as juventudes e conseqüentemente a maneira de produzir e expressar sua cultura. Segundo a United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization- UNESCO (2007), não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades (ABRAMOVAY E ESTEVES, 2007).

Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social (ABRAMOVAY E ESTEVES, 2007, MATOS, 2003), ou seja, a produção de uma determinada sociedade, originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. E se as juventudes são construções sociais elas o são a partir do olhar do adulto, em sociedades adultocratas (ABRAMOVAY E ESTEVES, 2007) que muito embora cultuem o jovem, o fazem em uma perspectiva superficial e estigmatizadora. A perspectiva dúbia e superficial como é vista a juventude permite que a mesma seja tratada como elemento secundário no estabelecimento e concretização das políticas públicas e, segundo Abramo (1994; MATOS, 2003), invisibilizando essa importante parcela da população, tornando-a alvo fácil, e contribuindo no aumento das estatísticas dos grupos em situação de vulnerabilidade social.

Para Madeira, (1998 *apud* MATOS, 2003, p.41) as juventudes possuem uma marcação que as une, apesar das di-



ferências socioeconômicas. Essa marca de juventude se estabelece em uma espécie de moratória entre a infância e a vida adulta. E se o jovem hora é criança, hora é adulto, não podemos abstrair à reflexão: talvez assim o faça pela necessidade de adiar o modelo de adulto estabelecido no imaginário social (MATOS, 2003). O adulto que reifica a juventude e a torna ideal estético, mas nega-se a reconhecer o jovem como sujeito de direito e de identidade própria. O adulto que sabe do potencial transformador do jovem (MANNHEIM, 1982 *apud* MATOS, 2003, p.33), mas de forma adultocrata, mantém relações tensas e assimétricas com os mesmos, tolhendo seu potencial contestador, transgressor e questionador da ordem estabelecida. O adulto, que antes jovem e focado no grupo, na ludicidade, no questionamento e na revolução, é silenciado e formatado para a crença única de que a estética do consumo é a legitimação e personificação do ideal de sucesso que deve ser perseguido sob a chancela da ótica e ética do capital.

Esse consumo alienado é a fetichização da mercadoria, agora ampliada para a fetichização do mercado, graças à globalização neoliberal, atestando a Sociedade do Espetáculo da qual nos fala Guy Debord:

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda a parte. (DEBORD, 2003, p.19).

A juventude é objetada e coisificada adquirindo status não apenas de consumidora, mas também de mercadoria a ser consumida. Margulis e Urresti (1996 *apud* ABRAMOVAY, 2007, p.25) refletem esse conceito:

Em nossos dias, os signos atribuídos à juventude tendem a se constituir numa estética, cujo espectro engloba, dentre diversos outros aspectos, artefatos e costumes relacionados ao corpo, à indumentária e ao comportamento. A reificação desse ideal estético — que nas sociedades de consumo se apresenta como paradigma de tudo o que é desejável — viabiliza a comercialização de vários dos atributos associados à juventude na forma de mercadorias, intervindo no mercado do desejo como veículo de distinção e de legitimidade.

O fetiche pela mercadoria e a crença deflagrada pelo neoliberalismo global de que o mercado é soberano e capaz de regular as relações dentro da sociedade, fragilizam o estado de bem-estar, as condições de trabalho e do próprio trabalho, a democracia, os direitos humanos, a cidadania e consequentemente fabricam em larga escala a exclusão social e a violência. O jovem é diretamente afetado por essa economia política da incerteza (BAUMAN, 2001) tornando-se mero espectador e consumidor de uma ideologia que o empobrece, o ameaça e o mata diariamente.

A perda da esperança e a alienação são componentes comuns nessa realidade, ocasionando o que Leloup (2004) chamou de Normose, ou doença da normalidade, embotando e contribuindo para a manutenção do estado de violência estrutural. A vivência plena da democracia, dos direitos humanos, da cidadania, da sustentabilidade socioambiental e consequentemente da justiça social e da paz, está diretamente ligada à participação política consciente, como um valor essencial a ser conquistado e vivenciado.



O Paradigma da Cultura de Paz

Somos violentos também quando somos vorazes consumidores e depreciadores do ambiente, praticando o conceito restrito de desenvolvimento. Também somos violentos quando excluímos por base no preconceito com o que é diverso. A violência está em sermos mantenedores de um sistema que explora e marginaliza. As relações de poder igualmente são violentas ao naturalizarmos os valores patriarcais. Somos violentos.... Muitas, diretas, perniciosas e tácitas são as formas de violência. Enquanto agrupamento social é preciso mudar o foco da cultura da violência para a cultura de paz.

A juventude é alvo fácil da violência e como tal precisamos cuidar desse ser jovem (MATOS, 2003). É ultranecessário estimulá-lo à vivência afetiva da cultura de paz.

A cultura de paz nas escolas traz um novo paradigma que se assenta na ideia de paz positiva e de conflito criativo e construtivo do conflito (JARES, 2002). Nesse novo modelo, a paz não é entendida como uma experiência de serenidade e ausência de conflitos, mas como a ausência de toda forma de violência. A violência pode ser direta ou estrutural, como foi exposto no segmento anterior deste artigo. Portanto, a cultura de paz, sob o enfoque positivo da paz, propõe uma profunda mudança na situação de injustiça social. O conflito também é visto sob nova ótica e enaltecido como um valor vital para a crítica, o debate, o embate e o desenvolvimento das sociedades democráticas, pelo simples fato de possibilitar as mudanças necessárias à construção de sociedades mais justas. O conflito sob tal perspectiva, não deve ser evitado, e sim desnudado “Temos de detalhar, aprender e praticar métodos não de eliminar o conflito, mas de regulá-lo e conduzi-lo a resultados

produtivos.” (LEDERACH, 1985 *apud* JARES, 2002, p.134). Essa tarefa é essencial tendo em vista que a escola como microuniverso e a sociedade como macrouniverso são permeadas por relações de conflito, fruto da pluralidade, diversidade e multiculturalidade dos seus membros.

A resolução não violenta dos conflitos, a educação crítica, a educação em valores e a ação na paz são objetivos buscados na vivência escolar, formando jovens críticos, ativos, combativos e protagonistas do projeto esperançoso freireano (1983; 1987) que, contrário à convivência ingênua, atua em oposição aos determinismos do sistema econômico neoliberal que se impõe globalmente e se manifesta cada vez mais presente e visível no campo educacional.

Objetivando trabalhar cada vez mais para o empoderamento dos jovens que estão concluindo o ensino médio integrado ao programa de valores humanos e cultura de paz, o Centro Educacional da Juventude Padre João Piamarta¹ desenvolve, desde março de 2011, o ‘Projeto Um Novo Tempo’.

Conhecendo o Centro Educacional da Juventude Padre João Piamarta

Muitos meninos e meninas no Brasil são vítimas da violência estrutural, mencionada. Faltam recursos básicos para a sua sobrevivência digna, embora saibamos que os motivos que determinam o ingresso no abrigo não podem ser analisados de forma isolada, muitos pais e responsáveis buscam instituições governamentais ou filantrópicas para que seus filhos possam ter assegurados os recursos necessários para a garantia dos seus direitos essenciais.

¹ Para conhecer mais a instituição visite o site www.piamartaaguanambi.org.br

Neste contexto temos o Centro Educacional da Juventude Padre João Piamarta, fundado em 1972 e localizado na avenida Aguanambi, em Fortaleza. A escola nasceu da necessidade dos padres Piamartinos da Congregação da Sagrada Família de Nazaré ampliar assistência a crianças e jovens de forma integral e diária.

O Centro Educacional da Juventude Padre João Piamarta é uma escola de educação formal e profissionalizante que funciona em regime integral (feminino e masculino) e o internato para crianças e adolescentes do sexo masculino, órfãos, vítimas de famílias desestruturadas ou provenientes de lares que não podem arcar com seus cuidados e sustento.

A instituição tem como missão resgatar a pessoa humana com a dignidade que lhe é devida, colaborando para que cada criança e adolescente descubra e desenvolva seu potencial. O Centro Educacional disponibiliza serviços socioassistenciais e educativos abrangendo desde a educação formal aos cursos profissionalizantes, atividades culturais, esportivas, lazer, orientação e encaminhamento para o mercado de trabalho, assistência médico-odontológica, acompanhamento psicossocial e participação em programas de educação em valores humanos, incluindo as famílias dos alunos.

No regime de abrigo, a instituição incentiva o fortalecimento dos vínculos familiares, estimulando as crianças e jovens a passarem os finais de semana, feriados e as férias com a família, bem como desenvolve ações junto a esses grupos através do projeto “Família que ama cuida.”²

A instituição possui caráter filantrópico e depende da ajuda financeira da sociedade para continuar “oferecendo

² Projeto desenvolvido pelas assistentes sociais do Centro Educacional da Juventude P.J. Piamarta.

uma oportunidade verdadeira e concreta de uma vida humana e socialmente mais digna para 601 residentes acolhidos e 204 em sistema integral.”³

Projeto Um Novo Tempo- Preparação para o Desligamento Institucional

A adolescência é uma fase da vida do ser humano de muitas inquietações e transformações, um fenômeno biopsicossocial, uma fase em que eclodem questionamentos em relação ao corpo, aos valores, as escolhas, as exigências dos adultos para com eles e ao seu espaço na sociedade.

Para as crianças e adolescentes que ficam na instituição em regime de internato, a instituição não é um espaço de passagem, mas de moradia, lugar de referência na sua vida e no processo de construção da sua identidade. Neste sentido, o período de conclusão do ensino médio, quando se dá o desligamento da instituição, se apresenta com uma carga emocional ainda mais intensa. É o momento em que deixarão a instituição, voltando a morar com seus familiares e buscarão um espaço no mundo do trabalho.

Diante da necessidade de colaborar para o empoderamento desses adolescentes, na busca de tornar esse momento de transição uma oportunidade a mais de crescimento, elaboramos o projeto “Um Novo Tempo”, que visa, a partir da cultura de paz, do autoconhecimento e da reflexão pessoal e grupal, ampliar a visão crítica que tem de si mesmos e das relações que estruturam a sociedade, ajudando-os a identificar com mais clareza suas necessidades, limites e potencialidades, bem como a revisão dos valores, atitudes e comportamentos para descobrir-se agente de transformação pessoal e social.

³Texto extraído do encarte de divulgação da campanha Seja Amigo do Piamarta, 2012

O projeto também pretende ampliar a capacidade de análise dos adolescentes com relação à inserção no mundo do trabalho, bem como desenvolver junto com o projeto “Família que Ama Cuida”, atividades que esclareçam aos pais ou responsáveis a maneira de interagir com seus filhos para estimular os vínculos afetivos tão importantes para o êxito do processo de reinserção familiar. Por fim, o projeto pretende que os adolescentes percebam que a construção do futuro depende das vivências e escolhas presentes.

Nesta perspectiva, o objetivo principal do projeto é fortalecer no adolescente a autoestima e o senso crítico, percebendo-se capaz de conduzir sua vida, consciente de suas potencialidades e da situação de violência estrutural presente na sociedade, de modo a facilitar sua inserção coletiva para que se torne sujeito da sua história e da construção de uma sociedade mais justa e solidária. Os objetivos específicos do projeto são: Compreender a necessidade de buscar o autoconhecimento e perceber-se dotado de potencialidades e limites, fortalecendo o protagonismo juvenil; Identificar e praticar os valores que contribuem para uma boa convivência com o outro, resolvendo os conflitos de forma não violenta; Construir uma imagem positiva de si, que implique na confiança em sua capacidade de escolher e realizar seu projeto de vida, fundamentado nos valores éticos, na coerência entre fins e meios, nos direitos humanos e na vivência da cidadania; Preparar-se para a inserção no mundo do trabalho, reconhecendo as relações de poder no modo de produção capitalista; Adotar hábito de cuidado diante da vida, através da consciência social, política e ecológica, como recursos para examinar e transformar situações de violência estrutural presentes na organização so-

cial; Fortalecer os laços afetivos dentro do grupo familiar, do grupo de trabalho e da comunidade escolar.

A metodologia utilizada é participativa priorizando o modelo crítico- conflituoso- não violento de educação para a paz. As atividades são assentadas no trabalho individual, de grupo e plenário, na construção compartilhada e dialógica do conhecimento partindo sempre da realidade grupal, refletindo e sistematizando o conhecimento coletivo, assim como, experimentando exercícios de simulação para tomada de decisões. Os encontros são desenvolvidos através de oficinas que tem como significado aprender na liberdade de expressão, organizar ou mesmo modificar o que está interiorizado, recriar, aceitar o outro, integrar conhecimentos, avaliar postura diante do vivido (SOUSA, 2007).

Os conteúdos são organizados em quatro módulos⁴, cada um contendo perguntas que dinamizam o trabalho. Entretanto, as temáticas se inter-relacionam, sendo realizadas as conexões necessárias durante todo o processo, conforme a seguir:

- 1. O jovem por ele mesmo:** Quem sou eu? Como cuido das minhas múltiplas dimensões? O que quero para minha vida?
- 2. O jovem em interação:** Quais os valores necessários para uma boa convivência? Qual o conceito de paz e de conflito presentes no imaginário juvenil? Como estou cuidando das relações de afeto estabelecidas com as pessoas? Como me relaciono com a diversidade presente nas pessoas?

⁴ Estrutura didática cujo referencial se baseia em trabalhos realizados pela OfinArtes — Centro de Vivências, Ensino e Pesquisa Educativas.

3. O jovem no mundo: Quais são os desafios do jovem no mundo de hoje? O que são os direitos humanos e as liberdades fundamentais? Qual o meu papel na construção de uma sociedade mais democrática e justa? Quais as relações de poder presentes na organização do mundo do trabalho e como me inserir nesse universo?

4. O jovem e a sustentabilidade do planeta: Como estou me relacionando com o planeta? Qual o meu conceito de desenvolvimento? Qual a minha responsabilidade diante da grande teia da vida?

Para facilitar a interação dos sujeitos no processo grupal e mobilizar sentimentos, pensamentos e ações, integramos diferentes recursos, utilizando não somente a fala dos participantes, mas também as demais formas de expressão do sujeito como a colagem, o desenho, a dramatização, a fotolinguagem, a música, a poesia, os jogos cooperativos, textos, recortes de jornais, entre outros.

Os encontros são coordenados por duas profissionais (assistente social e psicóloga) que se revezam na facilitação do grupo e no registro do acontecer grupal para a elaboração do relatório descritivo. Os encontros são quinzenais com duração de duas horas.

Uma profissional da área de recursos humanos é convidada para orientar os adolescentes sobre mercado de trabalho, entrevista de solicitação de emprego, elaboração do currículo e outros temas afins. Também contamos com o coordenador dos cursos profissionalizantes a fim de contatar instituições para encaminhamento dos adolescentes à seleção de estágios ou empregos.

O trabalho desenvolvido é avaliado no final de cada encontro de uma maneira informal, como um ato de investigação e diagnóstico a fim de analisarmos todos os momentos vividos e o sentir dos jovens envolvidos no encontro e no final do ciclo do projeto, de forma escrita.

Um Breve Comentário a Respeito da Prática

O Projeto Um Novo Tempo é desenvolvido há dois anos no Colégio Piamarta da avenida Aguanambi, com dezessete adolescentes do sexo masculino. Dentre as atividades desenvolvidas destacamos a construção de três textos coletivos, com as seguintes temáticas: a realidade da nossa cidade e do nosso país; o sonho de sociedade e o que fazer para transformar a realidade.

Nesta atividade, os adolescentes têm a oportunidade de refletir, dialogar e debater acerca da realidade da sua cidade, do seu país e do mundo, adotar uma atitude de respeito às opiniões alheias, exercitar o diálogo e a teoria não violenta do conflito, conhecer e aplicar formas de intervenção individual e coletiva sobre a realidade com o objetivo de transformá-la.

Partimos de perguntas as quais são respondidas por todos individualmente e em seguida, o grupo é dividido para organizar os três textos, respeitando as ideias contidas nas papéletas, sem julgamento de valor, ficando na responsabilidade do plenário a retirada ou não das ideias diante das fundamentações levantadas pelos integrantes do grupo. A atividade é concluída quando todos legitimam o texto. O resultado desta produção escrita é apresentado para as famílias como culminância do projeto.

Ressaltamos que, mediante as avaliações realizadas e a observação do cotidiano escolar dos adolescentes, perceberemos mudanças concretas em suas atitudes diante da vida e nas relações com as pessoas em seu entorno. Percebemos, através de seus depoimentos, uma maior segurança no enfrentamento dos desafios e clareza a respeito de si mesmo.

Um dos participantes do grupo deu o seguinte depoimento:

O projeto é uma gigante fonte de conhecimento, que contribuirá como uma luz das estrelas, iluminando-nos na escuridão da mente e das dúvidas crescente no nosso interior. Tem seu importante papel na vida de cada um dos integrantes. (F.W.)

Esta experiência tem nos confirmado que nossa ação é sempre uma ação política levando-nos ao comprometimento com um modelo de sociedade que privilegie a cultura de paz.

Referências

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L.C.G. (Orgs) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Tradução de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Rio de Janeiro: Vozes, 1998b.

CREMA, R.; LELOUP, J.Y; WEIL, P. *Normose: a patologia da normalidade*. São Paulo: Verus, 2004.

DEBORD, GUY. *A sociedade do espetáculo*. Disponível em: www.geocities.com/projetoperiferia. Edição em pdf. Acesso em: 20 set 2012.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JARES XESÚS, *Educação para a paz sua teoria e sua prática*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

SOUSA, Maria do Socorro de; FRANÇA, Tânia Maria de Sousa (Coords.). *Diversidade de ações educativas: formar, formando-se*. Fortaleza: Encaixe, 2007.